

Fernando Molica

Filipe Luís mostrou a nudez das bets

Ao detalhar os malefícios das bets, o técnico do Flamengo, Filipe Luís, fez como o menino que, na fábula de Hans Christian Andersen, gritou que o rei estava nu. Ao tratar do caso de Bruno Henrique, alertou que a jogatina é um vício e criticou o onipresente patrocínio de casas de apostas a clubes de futebol.

Mais: fez isso vestido com uma camisa da comissão técnica que trazia a marca da Pixbet, patrocinadora master do clube e dona da FlaBet — casa de apostas que aparece com destaque nas camisas dos jogadores do time. O logotipo da empresa decorava o microfone em que o técnico deu suas declarações.

A fala de Filipe Luís é uma raridade no futebol brasileiro. Por aqui, jogadores, treinadores, dirigentes e empresários gravitam numa espécie de universo paralelo marcado pela redundância de chavões institucionais, religiosos e políticos.

O técnico foi preciso até na defesa do jogador de seu

time, indiciado pela Polícia Federal, que encontrou evidências de sua participação num episódio de fraude em apostas: não disse que ele é inocente, apenas pediu respeito ao seu direito de defesa.

Felipe Luís rompeu com uma espécie de coro de contentes que finge não ver o óbvio, que as bets têm o efeito de drogas. Uma droga que arreventa com a vida de muita gente e que gerou uma dependência de praticamente toda a cadeia produtiva do futebol — empresas de comunicação incluídas. É como se, de uma hora para outra, não se pudesse viver sem a droga, algo experimentado por dependentes químicos.

Falar em jogo responsável e em diversão não passa de uma maneira canhestra de negar responsabilidades. O adicto, de álcool, de tabaco, de drogas ilegais ou da jogatina não conhece limites. A internet acabou com qualquer possibilidade de se impedir o jogo, tornou ultrapassada até mesmo a discussão sobre

reabertura de cassinos — eles estão por todo lado, ao alcance dos cliques. Mas é absurdo que este tipo de atividade possa ser livremente anunciada.

Como escreveu o jornalista Hélio Schwartzman, na Folha de S.Paulo ao condenar a publicidade das bets: o fato de defender a legalização de todas as drogas não significa que ele queira vez comerciais de cocaína na TV. Imagine ouvirmos um “cheire com moderação” no fim de um comercial da droga.

No ano passado, a coluna Correio Bastidores registrou como as muitas restrições à publicidade de bets aprovadas pela Câmara dos Deputados foram praticamente eliminadas pelo Senado, substituídas por recomendações anódinas no projeto de regulamentação dos jogos. Apresentados pelos petistas Gleisi Hoffmann (PR) e por Reginaldo Lopes (MG), projetos que proíbem esse tipo de propaganda dormem nas gavetas da Câmara.

Todos temos o direito de fazermos o que bem enten-

dermos com nosso dinheiro, mas, assim como no caso das drogas, é dever do Estado não permitir o estímulo a hábitos capazes de desencadear processos praticamente incontroláveis em muitas pessoas. Como ressaltou o técnico rubro-negro, há 20 anos todos achavam normal que fabricantes de cigarros patrocinassem corridas de Fórmula 1.

Quem tem mais de 40 anos deve lembrar de comerciais que associavam cigarros a atividades esportivas, aventura, sucesso e até desampenho sexual. Muita gente reclamou quando esse tipo de publicidade foi proibida; ainda hoje, bebidas alcoólicas podem ser anunciadas, mesmo que com algumas restrições.

Ao revelar que já recusou fazer publicidade para bets, Filipe Luís lançou uma espécie de desafio para colegas de profissão e para tantos que vivem no entorno do futebol, traçou um limite ético, indicou um caminho: a bola está com todos nós.

EDITORIAL

‘Sangria’ de dólares não deve ser revertida

Embora o ‘entrevero’ que ganhou o primeiro plano das ‘headlines’ mundo afora seja protagonizado pelas duas superpotências do planeta, Estados Unidos e China, o mercado de capitais tupiniquim tem enfrentado, nas últimas semanas, uma verdadeira ‘montanha russa’ de volatilidade, sem prazo algum para terminar.

Que o diga a ‘sangria’ explícita da bolsa brasileira que, somente em abril corrente, já amargou a saída de R\$ 10 bilhões, o que, na prática, praticamente anulou todo o saldo positivo acumulado no ano.

Tal debandada abrupta — a maior, desde abril de 2024 — foi contabilizada pela B3 (B3SA3), que considerou todos os pregões do mês, até a última segunda-feira (14).

A ‘pulverização’ da presença do investidor estrangeiro no país decorre, entre outros fatores secundários, do acirramento da guerra comercial precipitada pelo presidente dos EUA, Donald Trump, que mira seu principal concorrente no mercado global, a China. Em consequência, dos R\$ 12 bilhões acumulados por aqui no primeiro trimestre do ano (1T25), restaram pouco mais de R\$ 900

milhões. Detalhe: o ‘sumiço’ ocorreu em apenas 15 dias.

Em que pese as múltiplas incertezas que pairam sobre os rumos do mercado internacional, persiste a expectativa de que o investidor externo voltará suas atenções para esse mercado emergente, por conta dos sinais (ainda que incipientes) de ‘flexibilização’ das tensões comerciais ianques-mandarins, por declarações recentes, supostamente ‘mais amenas’ do topetudo republicano.

Outro fator positivo seria o horário de abertura da bolsa de Nova Iorque, às 10h30, meia hora depois da brasileira. Também contribui para a atratividade verde-amarela o fato de as maiores companhias do país terem apresentado alta generalizada de seus papéis, uma vez que, das 87 ações que fazem parte do Ibovespa atualmente, 70 se valorizaram neste pregão.

No plano interno, contudo, são escassos os fundamentos macroeconômicos que convençam a ‘patuleia’ gringa pela bolsa brasileira, haja vista a flagrante deterioração fiscal e a vertiginosa perda de popularidade do mandatário da República, fatores que não oferecem qualquer perspectiva de reversão.

Jolivaldo Freitas*

Os novelões Yellowstone e Dallas

Sou noveleiro e ultimamente ando mexendo com séries. Um pouco atrasado, estou assistindo Yellowstone, que faz sucesso com longas temporadas — muito bom, por sinal —, com a saga da família começando na série 1883, depois 1923 e seguindo com Yellowstone. É a história da família Dutton, conduzida por John Dutton, que controla o maior rancho contíguo dos Estados Unidos. Sofrendo ataques sem piedade de bandoleiros, maus-caracteres, empresários, milionários e de indígenas. Tudo se passa na fronteira onde atualmente está o primeiro Parque Na-

cional dos Estados Unidos. É uma série violenta, densa, drástica, com revesses contínuos — e não faço spoiler.

Imagine o que é viver numa região sem jornais, onde a civilização vai chegando em lombo de burro e a passo de tartaruga. A lei? Sem lei. Com leis do mais forte ou mais valente. De quem tem o poder da terra. Xerifes vendidos, políticos comprados. Tudo se passa no olhar da família Dutton até os anos de 1923.

Quem é mais velho lembra da série americana de nome Dallas, que começou devagar, foi ganhando dimensão e fez

tanto sucesso a partir de 1978 que durou até 1991. Embora seja diferente dos Dutton e se passe no Texas, a família Ewing é o centro de tudo. Eles, donos da petrolífera Ewing e do rancho de gado Southfork. Enquanto em Yellowstone quase todos são inimigos dos Dutton, em Dallas a briga é entre duas famílias poderosas, mas o enredo chega em vários momentos a se entrelaçar. E assim as séries vão durando, e tome capítulos a dar com pau. O vilão-herói-mau-caráter J.R. de Dallas é uma espécie de Dutton. O que vale é a sobrevivência, mesmo em épocas distintas.

O novelão Dallas terminou em maio de 1991 e rendeu outros filhotes como a série spin-off Knots Landing, com catorze temporadas. No ano de 2012, o canal TNT lançou uma nova e atualizada continuação de Dallas — sucesso. Yellowstone já rendeu outros filhos, e novos virão. Gado, óleo, terra, poder e dominação no caminho destes novelões chamados de séries. Mas vale assistir se você gosta de old and new cowboys.

***Escritor e jornalista. Autor de “Vulgar” e “Baianidade”, dentre outros livros.**

Ruy Castro*

Monstros de estimação

Outro dia, passando para mim mesmo o DVD de “O Lobisomem”, o clássico de 1941 com Lon Chaney Jr., mais uma vez fiquei revoltado: o Lobisomem, depois de estraçalhar dois ou três em defesa própria, é morto a tiros pelo próprio pai na penúltima cena — e, na última, quebrando-se a maldição de que fora vítima, volta a ser o inocente Lawrence Talbot, um sujeito que, de tão doce, é uma ameaça para diabéticos.

Já se fizeram muitos filmes de lobisomem. Em todos, ele morre no fim, e o roteirista nunca lhe concede a dádiva de uma lágrima em sua última agonia. Ninguém se comove

com o fato de que o infeliz, por ter sido mordido por um lobo, transformou-se num deles e, daí, ficou proibido de ser recebido em casas de família. Mas que culpa teve nisso?

Outro monstro injustiçado é a criatura construída pelo Dr. Victor Frankenstein, a quem o mundo atribuiu o nome do médico. Frankenstein, o monstro, não pediu para nascer, e muito menos à base de pedaços já meio podres de cadáveres surrupiadados de túmulos. Não queria ser um monstro. Os homens é que o tornaram assim, negando-lhe o direito de conviver em sociedade. Desesperado, pediu ao cientista que lhe

construísse uma fêmea, tão horripilante quanto ele, com a qual se mandaria para o polo Norte. Mas o médico, com a fêmea já quase pronta, destruiu-a, e Frankenstein, vendido tudo pela janela, sentiu-se condenado a matar. Será justo condená-lo?

Para não falar na Múmia, originalmente um príncipe egípcio assassinado pelo pai da garota que ele amava e embalsamado para a eternidade. Pois, 4.000 anos depois, lá está ele quieto no seu sarcófago, e este é arrombado por arqueólogos ingleses enxeridos. Não imaginaram que o mau hálito de uma múmia milenar pode ser mortal?

Correndo o risco de passar por piegas, tenho pensado em estender essa compaixão ao dragão de São Jorge. Confesso que, com todo o respeito pelo santo guerreiro, incomoda-me ver o dragão, já caído e subjugo, ser trespassado com uma lança pelo herói armado, de capacete e a cavalo. Qual foi sua culpa? Ou morreu apenas por ser dragão? Se assim for, é todo o Direito que está em jogo.

***Jornalista e escritor. Autor das biografias de Carmen Miranda, Garrincha e Nelson Rodrigues. Membro da Academia Brasileira de Letras.**

Seleção não pode se curvar a Neymar Jr.

A cena de Neymar deixando o campo chorando durante a vitória do Santos sobre o Atlético-MG deixou os fãs do camisa 10 preocupados. O santista sofreu uma nova lesão muscular na segunda partida após sua recuperação de uma lesão na coxa esquerda que o tirou de campo por mais de um mês.

No entanto, a questão é muito mais preocupante. Antes de ser demitido, o técnico Dorival Júnior afirmou que havia traçado o planejamento da Seleção Brasileira junto a CBF ao redor de Neymar Jr.

Como a Seleção Brasileira pode montar um planejamento para a Copa do Mundo FIFA 2026 ao redor de um atleta cuja parte física não dá a menor garantia de que ele estará apto para jogar as partidas no Mundial em 2026? Supondo que, no pior dos casos, ele sofra uma nova lesão como antes ou durante a Copa — como aconteceu

nas últimas três edições —, o que a CBF pretende fazer?

Não adianta falar em renovação na Seleção Brasileira enquanto constrói um projeto em torno de um atleta cujo físico não corresponde mais. Veja bem, não é questão de tirar Neymar da Seleção. Se estiver bem, ele deve ser convocado. No entanto, o que não pode é dar cadeira cativa e construir o projeto ao seu redor.

O caso de Neymar deve ser tratado como o de Bebeto na Copa de 1998. Ele foi fundamental em 2014, mas foi convocado para compor o elenco na França. Esse é o projeto no qual podem encaixar Neymar.

Agora, desperdiçar esse ciclo com Neymar Jr. no centro da Seleção é pedir para passar sufoco novamente em Copa do Mundo. Isso porque um lesão no Mundial afeta também o psicológico do time.

Não dá para fazer isso.

Opinião do leitor

Feliz Páscoa!

Na Páscoa vivemos o que vivemos todo o dia, se é que somos cristãos. Vivemos, festejamos, saboreamos a presença de Jesus entre nós. Páscoa é vida, é presença, esperança e certeza. Porque Jesus ressuscitou e está de pé, tudo é novo para nós, tudo é possível, tudo está garantido. Feliz Páscoa para nós!

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: BRASIL AMPLIA POLÍTICA DE EMPRÉSTIMOS INTERNACIONAIS

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de abril de 1930 foram: Parlamento alemão aprova o plano financeiro de Bue-

ring. Socialistas francesas vão interpellar Tardieu pelas negociações da França em Londres. Conferência Naval tem cinco pareceres sobre

um tratado final. Rei Afonso XIII amplia a anistia na Espanha. Brasil amplia sua política de empréstimos internacionais.

HÁ 75 ANOS: EUA CRIA O CONSELHO DA ‘GUERRA FIRA’

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de abril de 1950 foram: Eleições em Trieste podem definir anexação da região à Iu-

goslândia. Conferência Econômica de Tóquio pode ratificar negociações do Japão com outros países asiáticos. China tem onda de fome. EUA cria

Conselho da “Guerra Fria.” Senado aprecia lei que modifica o sistema judiciário do DF. PSD aguarda Vagas para propor seu candidato.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)

redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.